

Meu “Xamego”, “Maracangaia”, “Arryba” Saia: que linguagem é essa?

Daniel da Rocha Silva¹

Sabe-se que, com a contemporaneidade, surge uma tendência de mudança, esta generalizadora, ou seja, em todos os campos. Portanto, presente também na linguagem.

Observa-se que o surgimento de palavras estilizadas não se classifica em uma teoria específica e unitária, pois as mesmas nos fazem remeter às diversas concepções teóricas, que vão da sociolinguística à liberdade poética.

Os nomes supracitados no título do texto são de grupos culturais conhecidos como “Quadrilhas Juninas”, grupos de danças entre pares coordenadas musicalmente, do estado de Sergipe, região nordeste do Brasil. Aqui, faz-se necessário ressaltar outro conceito, o de cultura.

Afinal, o que é cultura?

Para defini-la, sempre nos remete a especificidades locais, portanto, através de grupos, com uma procedência dotada de antiguidade, em alguns casos, algo primitivo. Essa sensação de “coisa antiga” é trazida em decorrência da necessidade de explicação do surgimento de grupos culturais. Conforme Mintz (2009², p. 224), “**Em**³ 1877, quando Edward Burnett Tylor empregou pela primeira vez o termo ‘cultura’ **foi**⁴ para referir-se a todos os produtos comportamentais, espirituais e materiais da vida social humana [...]”. Dito isto, o próprio Mintz contextualiza a cultura em um conceito muito próximo do de Tylor, e afirma:

Define-se cultura como uma propriedade humana ímpar, baseada em uma forma simbólica, ‘relacionada ao tempo’, de comunicação, vida social, e a qualidade cumulativa de interação humana, permitindo que as ideias, a tecnologia e a cultura material se “empilhem” no interior dos grupos humanos (MINTZ, 2009⁵, p. 223).

Assim, a cultura relaciona-se com toda e qualquer manifestação artística social apresentada por um grupo. No entanto, ressalta-se que o conceito de cultura tem parado em um dilema, e que expõe a rachadura da sociedade através de dois grupos separados única e exclusivamente pelo poder financeiro. De um lado, a evolução cultural através de coisas novas implantadas e/ou associadas ao antigo; do outro, o antigo resistindo às novas tendências evolucionistas. No primeiro, está o “povão”; no segundo, a elite representando a zona sul de suas cidades. Em ambos os lados, considera-se que são manifestações pertinentes de representação da sociedade em sua totalidade, onde se encaixam os movimentos juninos.

¹ Graduado em Letras Vernáculas (FISE). Pós-graduado em Educação Especial e Inclusiva (FAJAR). Pós-graduando em Linguística Aplicada na Educação (Graduarte). Pós-graduando em Tecnologias e Educação Aberta e Digital (UFRB). Tobias Barreto – SE. E-mail: danielrochasilva@gmail.com.

² Data da tradução.

³ Grifo do autor.

⁴ Idem.

⁵ Data da tradução.

As quadrilhas juninas caracterizam principalmente a região nordeste, muito por conta de ser a região com a maior representatividade das festas de São João, no mês de junho. Para entendermos o surgimento desse movimento, Tinhorão (citado por Silva, 2009, p. 1) explica:

A quadrilha junina é uma dança coletiva de origem inglesa, que surgiu por volta dos séculos XIII e XIV. O contato cultural entre a França e a Inglaterra, durante a guerra dos Cem Anos, fez a França adotar a dança, que, levada para os palácios, tornou-se nobre, vindo a espalhar-se por toda a Europa, integrando as festas da nobreza. A quadrilha, dançada em dois ou quatro pares, seguia uma coreografia desenvolvida no compasso de músicas alegres, em allegro ou allegretto. A música e a dança da quadrilha chegaram ao Brasil no século XIX, com a Corte Real Portuguesa. Ainda no final do século XIX, a dança de salão, perdendo os ares de nobreza, passa a ser cultivada pelo povo, em áreas livres, rurais e periferias urbanas. Com a popularização, espalha-se por todo o país, figurando principalmente nas festas juninas, e, por sofrer influências regionais, adquire muitas variantes.

No Brasil, ela ganhou especificidades tanto nos passos de dança quanto nas roupas de seus dançantes, e até nos nomes que intitulam seus grupos. Trazendo para uma compreensão mais próxima de sua própria origem, Araújo (1973, p. 72) diz que, “No começo deste século era infalivelmente encontrada nos bailes de roça onde a marcação conservava algo da terminologia francesa com os mais deliciosos estopamentos dos vocabulários originários”. Portanto, tem-se aí uma explicação que se aproxima desses grupos culturais aqui no Brasil. Perdeu-se a característica de “dança de roça”, mesmo que ainda haja ramificações pouco visíveis ao olhar popular. Mas, o vocabulário dos passos de dança guarda resquícios de suas origens, como “ANARRIÊ”, palavra de origem francesa, que com o passar do tempo tornou-se “IÊ”, durante a dança, a mesma indica o retorno aos lugares iniciais dos seus dançantes. Ou seja, o tradicional torna-se refém do novo, sendo impossível a não influência do segundo no primeiro.

As mudanças decorrentes dos avanços contemporâneos também influenciam a linguagem. Sabe-se que pela língua portuguesa formal, “xamego” escreve-se com “CH”, “maracangaia” é maracangalha e “arryba” é arriba. De acordo com o Mini Aurélio, dicionário da Língua Portuguesa, por “chamego” entende-se: “(ê) sm. Bras. 1. Excitação para atos libidinosos. 2. Amizade íntima; apegão” (FERREIRA, 2010, p. 158); “maracangalha” ainda não se faz presente no dicionário referido, no entanto, sabe-se que é um distrito de São Sebastião do Passe, na Bahia, e foi imortalizada na música “Eu vou para Maracangalha”, de Dorival Caymmi; “arriba”, conforme Ferreira (2010) quer dizer “para cima”, ambas foram adaptadas para a linguagem popular das quadrilhas juninas, em sua maioria, relacionam-se aos movimentos da dança, à animação dos dançarinos, à relação dos mesmos com o público que os assistem.

Como foi citado no início do texto, torna-se simplista aplicá-las à uma teoria específica, pois as mesmas apresentam características de pertencimento a muitos conceitos teóricos. A Linguística considera a língua viva, ou seja, em movimento, o que subjaz todo o surgimento de palavras que fogem da língua formal. Por outro lado, a Sociolinguística faz uma relação da influência social na linguagem. São teorias nas quais estas palavras podem ser enquadradas no que se refere à sua escrita. Há ainda outras possibilidades de explicação de tal fenômeno, em “maracangaia” pode-se

ter como referência a queda do “LH” decorrente da oralidade, situação muito presente na região nordeste, inclusive em outras palavras com o mesmo dígrafo. Salienta-se que, conforme se trata de grupos culturais artísticos, a explicação mais pertinente esteja voltada para a liberdade artística de criação, baseada na identidade de cada manifestação cultural. Louva-se a possibilidade de reformulação do que está posto, e do que tem sido posto, historicamente, como única verdade usada por todos os falantes, a língua padrão. Esta premissa tem se tornado uma falácia diante das concepções artísticas e do mundo contemporâneo.

Referências

ARAÚJO, Alceu Maynard. Cultura Popular Brasileira. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1973. 198 p.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Mini Aurélio: **o dicionário da Língua Portuguesa**. 8. Ed. Ver. atual. Curitiba: Positivo, 2010. 960 p.

MINTZ, Sidney W. Cultura: **uma visão antropológica**. Trad. de James Emanuel de Albuquerque. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v14n28/a10v1428.pdf>> Acesso em: 13 mar. 2018.

SILVA, Priscila Santos. Vida de quadrilheiro: **notas etnográficas dos bastidores da Quadrilha Junina Século XX – Aracaju – SE**. Seminário de Estudos Culturais, Identidades e Relações Interétnicas, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Dias 05, 06 E 07 De agosto de 2009. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/28678984-Vida-de-quadrilheiro-notas-etnograficas-dos-bastidores-da-quadrilha-junina-seculo-xx-aracaju-se.html>> Acesso em: 13 mar. 2018.